

## TEXTO CURATORIAL

### *Feito poeira ao vento | Fotografia na Coleção MAR*

A produção de imagem por meio da fotografia, desde sua invenção no século XIX, atravessou um longo percurso até tornar sua prática fundamental para todo processo de comunicação. Tomada como instrumento também no campo da arte, a fotografia interage de forma articulada como espaço profícuo de invenção de linguagem. Atento à riqueza de seu universo, o Museu de Arte do Rio – MAR tem constituído uma significativa coleção de fotografia brasileira, pontuada pela presença precisa de artistas de outras partes do mundo. Integram a Coleção MAR também experimentos que se dão interdisciplinarmente em plataformas diversas como o livro, o vídeo, a instalação, a pintura ou a performance, configurando a operação fotográfica como um gesto capaz de ir além de si mesmo e, com isso, demonstrando a potência da produção de imagem em termos históricos e atuais.

A Coleção MAR reúne fotografias de naturezas diversas, produzidas desde fins do século XIX aos dias atuais. São imagens criadas com funções distintas, que entrecruzam os campos do documental e da arte, gerando fricções que nos dão a ver parte de sua história, já não restrita à lógica indicial – de uma imagem que se refere a algo que existe fora dela – que marcara seu surgimento. Artistas têm reinventado não somente a dimensão estética da imagem fotográfica, como também seu próprio estatuto documental, inserindo a fotografia no campo da ficção e da reinvenção do mundo. Desde então, foram inúmeras as viradas na prática e no entendimento da fotografia, atravessada por sua própria desmaterialização ou, mais recentemente, compreendida como dispositivo para relações que a extrapolam.

*Feito poeira ao vento | Fotografia na Coleção MAR* é um panorama dessa constelação de imagens, sensibilidades, vocações e experimentos, razão pela qual se apropria do nome de um trabalho de Dirceu Maués aqui em exibição – um vídeo realizado a partir de fotografias *pinhole* (produzidas por caixinhas de fósforo transformadas em câmeras fotográficas) do mercado Ver-o-Peso, em Belém do Pará. Como nos adverte o título, estamos diante de fluxos de movimento e dispersão que dão voltas em torno do desejo de fixá-los, instante congelado do que, na fotografia como na vida, é eminentemente infotografável.

Apresentando o recorte anual de sua coleção, o Museu de Arte do Rio agradece de forma especial a todos os seus doadores que generosamente têm contribuído para a formação de uma grande e significativa coleção: artistas, colecionadores e instituições que abraçaram o desafio de constituir para as próximas gerações um repertório fundamental de imagens do mundo.

Evandro Salles  
diretor cultural

## LISTA DE NÚCLEOS DA EXPOSIÇÃO

### KURT KLAGSBRUNN

Fotógrafo austríaco que encontrou refúgio contra o nazismo no Rio de Janeiro, onde aportou em 1939, Kurt Klagsbrunn produziu um dos mais significativos conjuntos de imagens sobre o Rio do século XX. Percorreu a cidade, bem como outras partes do Brasil, encontrando as pessoas que davam sentido a então capital brasileira nas ruas, nas festas, nas casas, nas instituições, nas fábricas. Trabalhando para inúmeras revistas do Brasil e dos Estados Unidos, esteve comprometido em documentar sensível e criticamente aquele período de plena ebulição cultural e política, do qual são testemunhas algumas das imagens aqui exibidas, um pequeno recorte da ampla coleção da obra de Kurt Klagsbrunn no MAR.

### FOTOGRAFIA E ARTE CONTEMPORÂNEA

Em especial a partir dos anos 1980, os artistas brasileiros têm explorado intensamente a fotografia em suas obras. Hoje, essa linguagem retorce a si mesma e abre espaço para interesses diversos em seu uso, do caráter documental à fotoperformance. O corpo que performa para a câmera, a fotografia que presentifica o gesto desmaterializado, a imagem como disparador para relações de alteridade, a potência pictórica da imagem, a fotografia como ato político, a imagem que intervém direto na pele da cidade, dentre tantos outros modos de uso da linguagem fotográfica se espalham por entre as duas salas da exposição, dialogando com outros núcleos de caráter temático.

### RIO DE JANEIRO

A fotografia chega ao Brasil ainda nos seus primeiros anos de invenção, no século XIX. Desde então, o Rio de Janeiro se torna uma das cidades mais fotografadas do mundo, sedução de sua paisagem singular e de uma vida sociocultural absolutamente rica e frictiva. Aqui estão reunidas passagens dessa iconografia carioca difundida em postais e fotografias, bem como disparadora de experimentações no campo da imagem. Encanto e violência se combinam nesse percurso, advertindo-nos do papel da fotografia na invenção da imagem do Rio de Janeiro, da especulação à denúncia.

### SERTÃO AFORA

A biodiversidade brasileira tem sido um profícuo território para a fotografia, como desde sempre o fora para os artistas que, no período colonial, foram enviados para retratar o Brasil. Além da leitura da paisagem e das formas de vida das regiões do país, a fotografia tem se dedicado a olhar sensível e criticamente aos modos sociais, culturais e políticos que são inextrincáveis às muitas naturezas dessa parte do sul do mundo. É nesse sentido que a Coleção MAR reúne ensaios icônicos em torno das ecologias sociais do Brasil. Sertão afora, fotógrafos, viajantes e artistas se articulam na documentação e na ficcionalização política dessa sociobiodiversidade de que nos

falam as imagens aqui apresentadas.

## POROROCA DE IMAGENS

Um dos núcleos mais importantes da Coleção MAR é dedicado à Amazônia, reunindo obras, objetos da cultura visual, artefatos, livros, documentos e, em especial, fotografias dessa região. Por sua singular história política desde a colonização, a Amazônia atraiu os olhares de etnógrafos, antropólogos e artistas que, a partir de sua natureza e de seus povos, realizaram algumas das mais significativas imagens do Brasil, como nos revelam as fotografias aqui reunidas. Destacamos, contudo, a presença da obra de Silvino Santos (1886-1970), luso-brasileiro que produziu fotografias e filmes em torno da Amazônia desde os primeiros anos do século XX, documentando os povos indígenas, a exploração econômica da mata, as políticas missionárias e o desenvolvimento urbanístico da região, o que contribuiu decisivamente para rompermos as distâncias que geopoliticamente separam e hierarquizam o Brasil.

## FOTOGRAFIA E MODERNIDADE

A fotografia é, por excelência, uma linguagem moderna. Ela surge e se expande no seio da modernidade do mundo, quando a revolução industrial se combinava com a revolução social radicalizada pelos processos de independência das colônias, o que transforma radicalmente a ordem política e cultural global. Não à toa, a fotografia do princípio do século XX fundou uma convulsiva dinâmica de experimentação que já precocemente a imbricou com a pintura, a literatura, o cinema, as artes performativas, dentre outras linguagens. Igualmente inseparável das cada vez mais aceleradas transformações tecnológicas, a história da fotografia continua a nos apontar caminhos e a nos indicar pistas para a compreensão não somente da modernidade, como também da atualidade do mundo.